

“O ESPAÇO PÚBLICO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL: LEITURAS DE UMA ESTUDANTE DE INTERCAMBIO”

Lucía Daniela Mildenberger¹

Resumo

O presente trabalho é resultado de uma das atividades práticas da disciplina Didática e Educação das Relações Étnico Raciais, do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFSCar, coordenado pela professora S. Stella Araújo-Oliveira. A disciplina busca desenvolver conhecimentos e compreensões didáticas próprias das diferentes raízes étnico-raciais que constituem a nação brasileira, a fim de fortalecer a formação de cidadãos, sujeitos de direitos, participantes e comprometidos com a construção de uma sociedade justa para todos e respeitosa com a diversidade cultural. Assim mesmo, preocupa com a construção de conhecimentos, posturas, valores, atitudes, sensibilidades éticas, competências e critérios, mediações, instrumentos, modalidades, estratégias para apreender-ensinar-aprender de maneira que os professores possam combater o racismo e qualquer forma de discriminação. Visando esses objetivos procurou-se realizar observações de situações cotidianas de interação entre pessoas, em espaços públicos, para a identificação de condutas ou atitudes pautadas pelo racismo e a discriminação. As observações realizaram-se na Rodoviária de São Carlos, em lojas de brinquedos, no shopping, no percurso de trajetórias em ônibus da cidade, entre outros. Estas observações, assim como as emoções, entendimentos ou constrangimentos provocados na observadora e as reflexões que elas suscitaram foram registradas em diário de campo; posteriormente os dados foram confrontados com as reflexões levantadas em aulas e com o material teórico estudado na disciplina.

Palavras-chave: Espaço público. Educação. Relações étnico-raciais.

Abstract

This paper was presented as part of the discipline of Education Curriculum and Ethnic Relations Race of the Bachelor's Degree in Education, coordinated by the Professor Sonia Stella Araújo Oliveira. In this discipline seeks to know and understand their own teaching to different ethnic and racial roots that form the Brazilian nation, to strengthen the education of citizens, participants and committed to build a just society and respectful in the cultural diversity. Likewise, it is concerned with the construction of knowledge, attitudes, values, ethical sensibilities, skills, mediations, instruments, methods, strategies to learn and to teach. The observations made in this paper were in public spaces of everyday situations and to analyze the interaction between people, to identify racism and discrimination. The main place was the bus station of the town and also places such as toy stores, shopping, schools, among others. The analyses were made from the material studied theoretical discipline.

Key words: Public Space. Education. Ethnic Relations.

¹ Graduanda no curso de Trabalho Social da Escuela de Trabajo Social de la Universidad Nacional de Córdoba. Contato: lumildenberger@hotmail.com

Diário de Campo

Terça feira, 08/05/2012.

10h00 - Rodoviária de São Carlos.

É terça feira, 10 horas da manhã; estou na Rodoviária de São Carlos. Sinto o ritmo cotidiano das pessoas que transitam a seus lugares de trabalho, estudo, compras etc.

Acordei nervosa, já havia programado realizar a primeira observação naquele lugar, mas tinha medo de ser incapaz de identificar alguma situação de racismo, ou que minha cabeça estivesse tão predisposta a encontrar algo que eu mesma provocasse aquela situação que ia encontrar. Ao chegar à rodoviária escolhi o espaço onde transitam os ônibus de viagens locais. Pensei que o melhor era fazer de conta que eu era alguém a mais naquela rodoviária estando lá de passagem esperando meu ônibus para ir a outro lugar (uma espécie de observação participante), mas essa foi a primeira dificuldade, porque uma das características principais destes lugares e a sua transitoriedade, ninguém fica mais tempo do que dura a sua espera pelo ônibus, exceto os empregados que atendem o posto de recarga das carteirinhas e os motoristas que precisam trocar de ônibus. Eles, os empregados, são os que mais interagem e riem entre si, ficam todos juntos até que tem que retornar às suas funções.

Quanto às demais pessoas, em uma terça normal de manhã como esta, ficam em pé ou sentadas olhando em direção à rua onde aparecem os ônibus; ninguém olha muito no rosto do outro.

Observei que em sua maioria todos se sentam o mais longe possível da outra pessoa, ninguém se senta ao lado de outro tendo a possibilidade de ficar pelo menos a um assento de distância. Com exceção dos que viajam juntos. As pessoas mais jovens preferem ficar em pé ou apoiados na parede ou varanda. Geralmente, os que estão sozinhos só falam com alguém quando precisam perguntar alguma coisa em relação ao horário ou percursos dos ônibus; ou para fazer algum comentário sobre esse tema. Os movimentos das pessoas parecem mecanizados.

Uma mulher velha de traços asiáticos, caminhando muito devagar, chama minha atenção. Logo rompe o estereótipo que eu tinha incorporado com respeito aos asiáticos e a questão da ordem e ocupação do espaço, ao sentar-se deixando um lugar no meio, como fazem todos.

Eu me coloco em um assento que tem três lugares, um de seus extremos é ocupado por uma mulher, ao invés de escolher o oposto a ela, escolho o assento do centro, ficando bem ao lado dela. A mulher, ao sentir a minha presença, fez um movimento tentando se afastar de mim e evitando o contato entre nossos corpos, logo me pediu desculpas. Eu fiquei pensando: O que será que ela fez que sentiu a necessidade de pedir desculpas? Esse fato me fez refletir acerca da questão cultural que coloca ao contato corporal como algo a ser evitado no possível, coisa que advém do padrão de relacionamento corporal de matriz europeia. Lembrei a reflexão de Nilma Lino Gomes quando fala que “somos sujeitos corpóreos e usamos nosso corpo como linguagem, como forma de comunicação” (GÓMES, 2003). Realmente seria importante reeducar nosso jeito de nos relacionarmos através do contato corporal. O contato corporal é chave para sentir “a humanidade” do outro, pelo que acho que se constitui numa dimensão muito importante na luta contra o racismo. O universo cultural de matriz africana tem muito para dizer em relação a isto, segundo aprendemos.

Observei também, muitas pessoas com fones de ouvido, em sua maioria jovens, também alguns

adultos lendo jornais. Eu mesma senti vontade de pegar o meu mp3 e ficar ouvindo música. Não me sinto confortável no meu papel de observadora, sento desejos de ser uma pessoa a mais que transitava pela rodoviária. Será que esse incômodo tem a ver com a resistência da sociedade a se olhar objetivamente e se questionar nas suas ações mais naturalizadas? Detenho-me nessa ideia um momento. Eu não estou fora da sociedade e seus mecanismos de reprodução, mas minha tarefa hoje é intentar olhar mais profundo para reconhecer coisas que passam despercebidas no cotidiano.

Um empregado da rodoviária me cumprimenta - “*Argentina!*”. Conhecemo-lo ele num dos primeiros dias em São Carlos, quando fomos fazer a carteirinha de estudante, desde então sempre me cumprimenta e as minhas colegas estrangeiras da mesma forma e sempre tem muita vontade de nos ajudar. Ele presta muita atenção em nós, acho que despertamos nele a curiosidade que muitos têm por gente diferente. Outros me fazem repetir tudo o que falo, embora tenha falado certinho, só para ouvir o sotaque diferente.

Observei muitas mulheres com crianças, muitas mulheres com sacolas de compras, muitos homens com diferentes roupas de trabalho, muitas crianças e adolescentes com uniformes escolares, mas quase não reparo nisso. Claramente porque tenho incorporado como natural os papéis sociais das pessoas. Pelo contrario, chamou mais minha atenção, por exemplo, encontrar homens com crianças ou sacolas de compras. Mais o tempo se passava e eu mais dava conta da força com a qual a socialização me inculcou os jeitos “naturais” de ser, ainda sendo de outro país, e mais esforço eu fazia para olhar por fora daqueles jeitos aprendidos.

Além das reflexões acerca da forma da socialização; o que tudo isso tem a ver com as relações étnico-raciais? Depois de um tempo observando comecei a desesperar-me, não estava encontrando situações de discriminação! Então, comecei a me perguntar: Será que sou tão racista que não vejo o racismo quando passa “embaixo do meu nariz”? Cheguei com tanta predisposição a encontrar brancos racistas e negros discriminados que, por não forçar o que vejo, não estou encontrando nada.

Tentei encontrar algumas regularidades sem valor estatístico, como por exemplo, que as pessoas de pele mais escura são as últimas a subir nos ônibus. A princípio minha hipótese parecia funcionar, mais ao cabo de um momento já não podia dizer mais que era regra. Também observei com muita frequência os casais, na grande maioria brancos com brancos, negros com negros, asiáticos com asiáticos. Observei só duas exceções, um casal de mulher de pele branca com um homem de pele negra e outro de mulher de pele negra com um homem de pele branca. Esses dois casais chamaram a minha atenção justamente por ser uma exceção. Mas, não era suficiente para mim, angustiada, fiquei olhando só para as pessoas de pele negra (pretos e pardos), nesse momento mais da metade das pessoas na rodoviária; e lembrei automaticamente os comentários que ouvia antes de vir para o Brasil sobre o estado de São Paulo, “não tem muitos negros lá”. Não será que é um dos estados onde os negros são mais invisíveis? De repente, o racismo se fez presente, onde?: Na minha cabeça! Aquela ideia racista estava em mim antes que eu pisara Brasil, chegou através da mídia e da socialização, e eu acreditei nela. Desde criança estou acostumada a pensar em Brasil como um lugar bem “intercultural” onde todas as pessoas ficam felizes sambando nas ruas sem distinções entre elas. Será que precisava visitar São Paulo para desfazer essa ideia? ou é preciso estudar o racismo? Quais são os interesses que estão por detrás da vontade de negar a negritude do estado mais rico de Brasil? Somente podem ser objetivos racistas. Quantas mentiras como esta acerca do Brasil ouvi-se fora dele! Então, eu não estava sendo capaz de reconhecer situações de racismo porque minha cabeça estava justamente preparada para não reconhecer o racismo, assombroso o alcance da difusão do mito da “democracia racial brasileira”, que transcende as fronteiras nacionais.

Talvez não tivesse visto um branco xingando de “macaco” um negro, mas o racismo se apresenta de muitos jeitos diferentes, alguns mais escondidos que outros, o que é muito perigoso. Observar a realidade e contrasta-la com o mito no qual eu havia acreditado me levou a afirmar as palavras de Nilma Lino Gomes, “[...] o racismo se afirma a través de sua própria negação [...] ele se

apresenta de um jeito muito ambíguo [...] a sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo mas no em tanto no cotidiano os negros vivem uma profunda desigualdade.."(GOMES, 2005, p.46). Esse jeito tão despercebido que tem de se apresentar faz com que ele se propague e invada as mentalidades e subjetividades, inclusive internacionais. Quanta necessidade que temos de pensar novas formas de denunciar e combater esta realidade!

Depois de atingir a presente reflexão voltei para casa, tinha a necessidade de por no papel o que aconteceu. Eu tinha presenciado o racismo atuando na minha cabeça!

Quinta-feira, 10/05/2012.

09h30min - Rodoviária de São Carlos.

O ritmo de movimentação das pessoas é muito parecido com a terça feira

As reflexões que fiz depois das primeiras observações aguçaram minha percepção do racismo “institucional”. Este tipo de racismo segundo Lino Gómes, implica:

[...] práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas, empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da historia positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais de maneira indevida [...]. (GOMES, 2005, p.53).

Ao retornar à rodoviária, a primeira coisa que percebi, neste segundo dia de observações, foi o nome da empresa de ônibus: “Athenas”, o que tem a ver o transporte público de São Carlos com aquela cidade Grega, símbolo da branquitude? Não existem muitos questionamentos à tendência de nossa sociedade a que as coisas que levem nomes que ressaltem os símbolos da branquitude, ou a que a cor branca seja predominantemente o símbolo de valores positivos, por exemplo, o pombal branco (símbolo da paz), a cor branca em saúde como a cor da sanidade, da pureza etc. Também não existem muitos questionamentos às expressões que utilizam as cores branco e negro com conotações positivas e negativas respectivamente. Lembrei algumas das que conhecia em espanhol, por exemplo, “blanquear mi situación”, “trabajar em blanco”, “tener um día negro”, “tener negras intenciones”, “mercado negro” (comércio ilegal), “magia negra” (maléfica e perigosa como o contrario a “magia branca”). Depois investiguei este tipo de expressões em português e descobri que existem muitas com o mesmo sentido e outras do estilo: “trabalhar como uma negra”, “a coisa está preta”, “ele é um negro de alma branca”, “prejuízo preto” (prejuízo imenso), “caixa-preta” (falta de transparência), “lista negra” (relação de coisas ou pessoas consideradas prejudiciais), “humor negro” (humor que choca pelo uso de elementos macabros), “ovelha negra” (pessoa ou entidade que se destaca pelo mau procedimento). O próprio jogo de xadrez onde as peças brancas são as primeiras a movimentar-se tem uma forte conotação racista. Induz claramente pensar que o branco “sempre é o primeiro”. Não há como se surpreender que duas línguas de colonizadores tenham tantos exemplos de preconceito racial contido em expressões do cotidiano implicitamente reproduzindo a ideia da pretensa “inferioridade da raça negra”.

Em relação a anterior reflexão posso mencionar que no dia 27 de maio assisti ao “Primeiro Encontro de religiões Afro-brasileiras de São Carlos”. Surpreendi-me com a quantidade de pessoas de pele branca que formam essas religiões, mas o que verdadeiramente deixou-me sem palavras, foi o que falou para o público um dos líderes de uma das comunidades de Umbanda: ele diz que as roupas de

seus fiéis eram brancas porque essa cor simbolizava “a pureza”. Não soube como interpretar essa frase que tanto ressoou em mim.

Retornando às minhas observações na rodoviária, naquela manhã detive-me nas frequências das linhas dos ônibus. Ao pouco tempo descobri que as melhores em ordem são: Faga, Jóquei Clube, Ufscar, São José. Jardim Gonzaga, e Antenor Garcia são as linhas de mais escassa frequência, porém são os bairros mais afastados do centro e linhas muito concorridas. Decidi pegar um Antenor Garcia. Ao cabo de uma hora de espera consegui subir nele (ao redor das 11 da manhã). O Ônibus ia praticamente cheio, sem espaço nenhum, muitas pessoas em pé. Observavam-se pessoas com roupas de emprego, pessoas com uniformes escolares e sacolas de compras. No ônibus também não se sentavam juntas se podiam evita-lo, preferiam os assentos do lado da janela para olhar para fora. Porém, enquanto o ônibus mais se afastava do centro esta tendência se revertia, parecia que mais perto do final do percurso as pessoas que ficavam dentro do ônibus se conheciam entre si, se sentavam juntas e interagem conversando. Quase ao final do percurso, não tinha ninguém que não estivera conversando com alguém, eu senti-me invasora, senti-me de outro lugar, senti olhares sobre mim, mais ainda quando falei para o motorista em meu “portunhol”.

Observei também que quanto mais me afastava do centro, mais encontrava igrejas de credos cristãos não católicos. Não observei no percurso do ônibus templos de credos de matriz africana. Pergunte-me será que não há, ou que eles tem “outra” aparência?

Desci no ponto final de ônibus no Antenor Garcia, e fique nele até a chegada do ônibus que levar-me-ia a rodoviária novamente. Li observei claramente que estava em um dos bairros mais pobres da cidade, e me encontrei com o que estava suspeitando, a maioria das pessoas tinha a pele escura. Embora não podia negar-se a grande presença de pessoas de pele branca pobres. Ficou tão obvio e evidente o racismo. Aqueles que o negam no Brasil, precisam visitar este lugar, pensei. Um bairro muito afastado do centro, com muita pouca frequência de ônibus, recorta o alcance das pessoas aos serviços do centro da cidade. O que observei cabe perfeitamente na afirmação de Bourdieu quando fala que “O espaço social se reproduz no físico e vice-versa” (BOURDIEU 1996); à posição social ocupada pelas pessoas daquele bairro se expressava claramente na localização na cidade (periferia) e as condições de acesso aos espaços e serviços públicos de São Carlos (dificultada pela distância e a frequência do transporte).

Durante o retorno no ônibus fui observando os nomes das ruas principais que atravessava (nomes de pessoas), anotei alguns aleatoriamente e depois pesquisei na internet quem foram esses personagens. Todos referem-se a pessoas brancas (Conde do Pinhal, Padre Texeira, Alfredo Maffei, Bento Carlos, General Osório, Rui Barbosa). Também encontrei outros nomes ligados a branquitude como nomes de Santos, Rua “Episcopal”, Rua “Santa Cruz”, “Alexandrina” etc.

Acho que isto é uma espécie de racismo institucional também, um racismo institucional ampliado, porque os negros tem que morar numa cidade cujo nome tem a ver com a branquitude, cujas ruas principais lembram só pessoas brancas, onde só os lugares reservados para a “negritude” levam nomes negros (exemplo Centro municipal de Cultura Afro-brasileira Odette dos Santos). O “seja o negro só para negros, e o branco para “todos”. Porque é que não tem necessidade de um “Centro de Cultura Europeia”?; porque quase todos os lugares na cidade são centros de cultura europeia! não precisa ter um lugar específico. O próprio corretor ortográfico que estou utilizando neste computador reconhece a palavra negritude, mas não a palavra branquitude. Nesta sociedade o propriamente branco parecera não existir, o branco pareceria ser tudo. Os negros e brancos de São Carlos devem achar que não existiu nenhuma pessoa negra digna de ser lembrada, nenhuma pessoa negra que tenha contribuído com a sociedade e cujo nome merecera levar uma rua. A mensagem que se desprende é que “os negros claramente são inferiores, nunca fazem nada realmente digno de se lembrar”. Acho que é preciso que a prefeitura realize um trabalho de renomeação das ruas, pelo conteúdo racista que o plano de São Carlos expressa. Pensei na minha cidade, Córdoba, e cheguei à

mesma conclusão.

Uma vez começando o exercício de observação, volta-se quase uma prática cotidiana, os meus sentidos se aguçaram para captar estes tipos de questões, podendo reconhecer muitas coisas em espaços onde transitei esses dias. Um exemplo claro foi no “4º Encontro de Comunidades de Aprendizagem de São Carlos”, ao qual assisti os dias 18 e 19 de maio. Durante uma das palestras, aconteceu que o professor que estava falando, mencionou um menino negro e o chamou “menino de cor”. Isto me impressionou. E os meninos brancos não tem cor?, “cor” é só de negros?. Lembrei o que tínhamos estudado acerca das denúncias do Movimento Negro, à condição de ser branco como norma e parâmetro hegemônico de humanidade, e poço ver como King que assim como as coisas são “o negro é o “outro” do branco, mais o branco não é outro de ninguém, o branco é”. (KING, 1996, p.81).

Aquele encontro foi em um colégio particular de ensino católico, lá também observei um trabalho de estudantes dessa escola que estava colado na parede, o trabalho era do 4º ano e se chamava “Valores da educação: educar-se para o bem”. Tinha uma serie de imagens de gestos “solidários” entre pessoas. Na maioria das imagens o negro aparecia retratado como “a vítima” ou a pessoa ajudada pelo branco “herói”. Este tipo de imagens trazem mensagens que colocam aos negros como “coitados seres inferiores na sociedade que precisam da ajuda dos brancos, os que assim se ganharão o céu”. Tal como afirma Lino Gomes os preconceitos como atitudes não são inatos; são aprendidos socialmente (GOMES, 2005, pag.54), levando em conta este olhar sobre o negro na qual estão se socializando estas crianças, podemos-nos perguntar: Que tipo de relações étnico raciais se estão promovendo deste jeito?

Retornando a minha viagem de ônibus, já no centro passei a observar os nomes das ruas, a observar os prédios e lojas. Somente no centro achei igrejas católicas muito grandes, visíveis, imponentes. Comparei isto com os templos de outras religiões cristãs nos bairros, tendo salões menores. Finalmente lembrei a casinha perto do meu apartamento que tem um cartaz pequeno que fala “Candomblé”, bem afastado do centro, bem invisível no bairro Vila Marina. Posso concluir sem medo que em São Carlos existe uma clara hierarquia de credos, onde os credos negros ocupam o ultimo lugar. Por isso acho o “Encontro de Religiões de Matriz Africana” uma boa iniciativa para outorgar espaço e visibilizar a estas religiões.

Observei também os centros de atividades físicas, as academias de ginástica, escola de dança clássica, etc; em suas maiorias localizadas no centro e com prédios muito grandes, em comparação, por exemplo, com escolas de capoeira. Mais tarde também descobriria que nenhuma das Casas de instrumentos musicais do centro onde perguntei tinham berimbau. Estas questões que parecem menores são indícios de que os esportes e as artes negros também ocupam aqui o último lugar na hierarquia. Vejo isto também olhando a escola que fica na frente da minha casa, onde nas aulas de educação física os meninos praticam futebol, handebol, vôlei e ginástica, mas nunca os observei praticando capoeira ou danças africanas. Uma vez mais um aspecto da cultura negra ocupando o ultimo lugar na sociedade.

Terceiro grupo de observações **Semanas do 13/05 a 27/05**

Decidi que seria bom fazer as observações caminhando pelos lugares que tinham chamado minha atenção durante o retorno do ônibus. Aqueles onde tem lugar as diversas práticas sociais, onde se apresenta o racismo segundo explica Gomes no trecho a seguir: “[...] No Brasil o racismo ainda é insistentemente negado no discurso do brasileiro, mas se mantém presente nos sistemas de valores que regem o comportamento de nossa sociedade, expressando-se através das mais diversas práticas sociais [...]” (GÓMES, 2005, p.52).

No domingo 13/05 caminhei pela Av. São Carlos, desde a Federal até a praça do mercado central e desde a USP até o SESC pela Av. Francisco Pereira Lopes, e desde lá até o shopping Iguatemi.

Peguei a minha câmara fotográfica e com ela capturei muitas imagens do racismo institucional presente na mídia através de cartazes e publicidades. Por conta do dia das mães encontrei muitas imagens de mulheres com suas crianças, sempre brancas, em sua maioria loiras, magras e de olhos azuis. Todos os cartazes que mostram famílias mostram a família tipo burguesa, pai e mãe brancos com dois ou três filhos. Também se mostra a imagem do protótipo de ser humano “exitoso”; homem branco, empresário. A influência da mídia difundindo estes ideais de beleza e realização nos que a maioria de nós ficamos fora, traz terríveis consequências nas subjetividades das pessoas e na reprodução das desigualdades já que como afirma Lino Gomes, o corpo “é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes”(GÓMES 2003, p.174). Quantas desvantagens para conseguir trabalho, acesso a determinados lugares etc. Há pessoas que não respondem ao protótipo? O que acontece com a autoestima de uma pessoa que tem que se esforçar para ter uma aparência diferente para ser aceita e obter coisas, às vezes fundamentais para a vida? Inquieta com a questão do corpo e protótipo decidi no dia seguinte caminhar procurando encontrar salões de beleza. A maioria dos que achei, embora com exceções, tinham a imagem da mulher branca magra e de cabelo liso. Em dois destes salões de beleza onde se promove o ideal, chamou minha atenção que as empregadas eram negras. Em ambos os casos com seus cabelos alisados perseguindo o ideal de beleza que o lugar de trabalho vende. Senti raiva, tal vez não seja o empregador que as obriga a ajustar-se ao protótipo de beleza que vendem, talvez elas mesmas gostem de alisar o cabelo, ou talvez não, talvez o façam pelo seu trabalho, como estratégia, mas é triste que alguém precise mudar o que é para trabalhar. Mesmo se elas fossem as donas, que triste que a sua empresa venda um protótipo de beleza que é muito diferente do próprio.

Outro lugar onde fiz observações foram duas lojas de brinquedos do centro. Lugares onde também se promovem muito os protótipos da sociedade, protótipo de homem, protótipo de mulher, etc. Observei muitas bonecas de diferentes traços brancos, ou seja, brancas de cabelo preto, brancas de cabelo loiro, brancas de cabelo vermelho; só algumas bonecas negras, também percebi que no caso das bonecas negras eram estas muito “embranquecidas”, com a pele apenas escura, com cabelos lisos, usando moda branca. Lembrei meu trabalho antes de vir para o Brasil, numa loja de brinquedos na Argentina, lá também só tinha uma boneca negra, ela era a mais antiga da loja, ninguém olhava para ela, nunca pude vendê-la. Também tinham uma coleção de bolsas das princesas da Disney, cada uma com uma princesa diferente, só uma delas pertencia à princesa negra do filme “A princesa e o sapo”. Todas as que tinham a imagem das princesas brancas custavam 70 pesos, a que tinha a imagem da princesa negra custava 50 pesos, sendo do mesmo tamanho!

Essa tímida aparição do negro, além das bonecas, encontrei nas vitrines das lojas de roupa, em muitos produtos de beleza das farmácias onde tinham algumas pessoas de pele negra e asiáticos aparecendo, mas sempre com caracteres brancos, como o cabelo liso, alguns traços no rosto, a pele só um pouco escura, outro tipo de traços tipicamente negros como os lábios grossos, a nariz achatado, cabelos cacheados, a pele bem preta não apareciam jamais. Silva Junior afirma que “[...] a inscrição do princípio da não discriminação e as reiteradas declarações de igualdade tem sido insuficiente para estancar a reprodução de práticas discriminatórias na sociedade brasileira [...]” (SILVA JUNIOR 2001, p.14). Para Silvério “as leis anti-discriminação são pouco eficazes e não atingem a dimensão institucional do racismo [...]” (SILVERIO, 2002, p.98)

Depois de todas estas observações, e da leitura dos autores; poço afirmar que, além dos avanços, com certeza continua a predominar o padrão de beleza branco, embora se queira mostrar o oposto. As leis contra a discriminação foram um grande passo, mas o racismo cada vez se expressa em jeitos mais sutis e difíceis de perceber, porque a estrutura social precisa dele. Ele faz concessões que geram a aparência de que não tem racismo, de que o Brasil é um país orgulhoso da sua diversidade (“tem bonecas negras, tem modelos negras etc.”), mas o racismo continua. A diversidade é recortada e embranquecida. Isto ao meu entender é parte do princípio da assimilação, “os negros terão lugar nas

publicidades enquanto estejam o mais embranquecidos possível”. Poço afirmar que o racismo continua se reproduzindo e reproduzindo a sociedade desigualitária.

Neste ponto é importante mencionar o papel da mídia na perpetuação das desigualdades sociais, por isto é necessário além da obrigatoriedade da inclusão de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos que a lei 10.639/2003 trouxe, além de condenar o racismo explícito, levar adiante uma tarefa de desmascaramento do racismo mais oculto e implícito. O estado tem que atingir os efeitos que a mídia produz nas subjetividades dos sujeitos embaixo a invocação de uma “falsa liberdade de expressão”. Acho que nenhuma coisa pode ser entendida como livre sem ela trazer sujeições para alguém. Esta ideia traz um conceito diferente de liberdade; “eu sou livre porque todos somos livres”.

Voltando à questão da mídia, gostaria de introduzir outra observação que achei durante a espera num ponto de ônibus do centro. Trata-se de um pai com sua filha, ambos de pele negra. A menina tinha uns 4 ou 5 anos. Pelo que eles conversavam vinham de uma consulta médica; o pai tinha premiado a menina pelo seu bom comportamento na visita, com um filme de “Hana Montana”. Como impactara na subjetividade e autoestima desta criança, assistir este filme, com certeza não o único que terá assistido, onde o padrão valorizado é o branco, e o corpo negro sequer aparece? As crianças se vêm invadidas por estes tipos de filmes tendo muito poucos que valorizem outros traços físicos e culturais. Isto, sabemos que impacta negativamente na construção da identidade étnico racial das crianças. Deste jeito, como afirma Lino Gómes “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente ensina ao negro, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio”. (GÓMES, 2003, p.171).

Acredito que a luta pela superação do racismo e da discriminação racial é tarefa de todos como cidadãos, enquanto um fenômeno que nos atinge a todos, com independência do pertencimento étnico racial. Mas este desafio é uma questão que como pedagogos, professores, trabalhadores sociais, cientistas sociais; temos o dever de enfrentar procurando estratégias de fortalecimento das identidades inferiorizadas. Uma escola que valorize os padrões negros é uma das chaves, mas não somente, já que, como estudamos nos diversos textos da matéria, os processos educativos não tem lugar só na escola, a educação se desenvolve em todos os espaços sociais onde as pessoas transitam, existindo entre eles mensagens contraditórios. Como afirma Gonsalves e Silva “É claro que sentimentos e percepções de superioridade, inferioridade, relações de imposição e de submissão não se constroem nem única, muito menos primeiramente nas escolas”. (GONSALVES E SILVA 2007 p.496). Deste jeito pode ter um alcance restrito trabalhar a questão só na escola, porque depois eles transitam por um mundo que envia outras mensagens o tempo todo. É importante não desacreditar a educação para a diversidade para todos, já que a mesma é uma conquista dos movimentos sociais e uma ferramenta fundamental na luta pela emancipação social, é ao dizer de Gonsalves e Silva uma “estratégica para combater a exclusão social” (GONSALVES E SILVA 2010). Mas, garantir um lugar para todos nas escolas e introduzir temas relativos à diversidade cultural, se pessoas e grupos continuam interagindo em estruturas preconceituosas não consegue nada. Existe uma necessidade de articulação entre os processos educativos escolares e não escolares, de debater a relação entre universo cultural e educação. É preciso que a mídia que promove a branquitude e marginaliza o padrão negro mude, é necessário promover positivamente o universo negro. Esta promoção tem lugar em diversos espaços da vida social.

Neste sentido observei a importância de espaços não formais de educação na difusão de “valores alternativos e de refúgio” nas aulas de Samba Rock e Capoeira. Por mencionar um exemplo às aulas de capoeira no CAASO da USP assiste uma variedade de pessoas muito grande, a faixa etária e muito diversa, tem jovens, adultos, adultos maiores e crianças. Observei que não existe uma marcada hierarquia geracional entre os adultos e as crianças neste espaço. Os pequenos jogam nas rodas do mesmo jeito que todos, ninguém joga mais devagar por enfrentar-se a uma criança, eles tem a mesma responsabilidade quando tocam os instrumentos de manter o ritmo para que a roda persista etc. Acho

que estes tipos de processos educativos não escolarizados desempenham um papel importante ajudando a incorporar outros valores alternativos ao europeu centrado no adulto, fomentando na criança a independência e autoestima, assim como a valorização da sua contribuição ao grupo ou comunidade na que pertence.

O panorama da realidade atual segundo o que refleti a partir das observações, esta bem descrito por os autores Hasenbalg (1979) e Santos (1997), quando afirmam que "[...] A abolição da escravatura no Brasil não livrou os escravizados e afro-brasileiros da discriminação racial e das consequências nefastas desta [...] a discriminação racial que estava subsumida na escravidão emerge, após a abolição, transpondo-se ao primeiro plano de opressão contra os negros [...]".

Realmente considero que o mito da democracia racial torna-se um obstáculo para a concretização de mudanças nas relações étnico-raciais em uma sociedade democrática, e principalmente, na elaboração de políticas públicas para a população negra.

Realizar este trabalho me permitiu refletir sobre qual é o papel que cabe ao estado frente à ação da mídia e publicidade comercial e na desconstrução do mito da democracia racial brasileira. Também me deixou perguntando a que papel cabe a todos nós como cidadãos, entendendo o processo educacional de uma maneira ampla e profunda. É preciso como havia falado, dar um passo mais, intervir não só, nos currículos escolares, mas também na mídia. A escola além dos conteúdos “negros” certamente tem que educar para a percepção destes processos sempre mais difíceis de reconhecer. Finalmente acho importante colocar que muitas pessoas consideram que falar de raça e racismo é racista, pelo que é também necessário um trabalho de difusão da ressignificação do termo raça, para que as pessoas compreendam que ele justamente não quer instituir hierarquia, ele existe para denunciar a hierarquia já existente. Esta compreensão será um grande passo no aprender a ver o racismo presente na cotidianidade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e poder simbólico. In: _____. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: MEC-SECAD. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03.* p.39-62. Brasília, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p-167-182, jan/jun.2003.
HASENBALG, Carlos A. O Negro nas Vésperas do Centenário. *Estudos Afro-Asiáticos.* (13): p.79-86, 1987.

KING, Joyce Elaine. A passagem media revisada: a educação para a liberdade humana e a crítica epistemológica feita pelos Estudos Negros. In: SILVA, Luiz Heron da. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais.** Porto Alegre: Sulina, p.75-101, 1996.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Formação do Mercado de Trabalho Livre em São Paulo: Tensões Raciais e Marginalização Social.** Brasília: UnB/Departamento de Sociologia, Dissertação de Mestrado, marco de 1997.

SILVA JUNIOR, Hédio. Mulher e negra: necessidade de demandas judiciais específicas. In: BARTSTED, Leila L. e HERMANN, Jacqueline. (orgs.) **As mulheres e a legislação contra o**

racismo. CEPIA, P.9-42. Rio de Janeiro, 2001.

SILVA, Petronilha B. G. E. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3 (63), p. 489-506, set./dez.2007.

_____. **Pode a educação prevenir contra o racismo e a intolerância?** Seminário Racismo, xenofobia e Intolerância. 6/11/2000 e 10/11/2010.

SILVÉRIO, Valter R. **Sons negros com ruídos brancos: Racismo no Brasil**. São Paulo, Pierópolis: ABONG, 2002. p. 89-104.